

# O PERCURSO DOS SALMÕES E O PROCESSO DA MEMÓRIA

Daniel Carlos Santos da Silva (USP)<sup>1</sup>

**Resumo:** O conto *Madre, no entiendo a los salmones* (1990), escrito por Montserrat Roig, apresenta o relato de um republicano transmitido à protagonista Norma, que caminha entre distintos tempos empreendendo um intrincado processo rememorativo, simbolizado pelo movimento realizado pelos salmões do mar até o rio onde nascem. Nosso estudo propõe analisar de que maneira os diferentes planos narrativos se relacionam, visando à reflexão sobre a importância da memória na vida das personagens retratadas. Isso nos leva a considerar a importância do animal não humano para o texto literário, que compreende o período do pós-guerra civil espanhola e o sufocamento de um passado que vitimou milhares de republicanos nos campos de concentração nazistas.

**Palavras-chave:** *Madre, no entiendo a los salmones*; memória; pós-guerra civil espanhola.

*Madre, no entiendo a los salmones*<sup>2</sup> é um conto que originalmente faz parte do romance *L' hora violeta*, publicado em 1980. Nesta obra, Montserrat Roig compõe o percurso pelo qual um retrato de família se constrói, delineado desde o seu primeiro livro de contos – *Molta roba i poc sabó...i tan neta que la volen*<sup>3</sup> (1974). Nos quatro

---

<sup>1</sup> Mestrando em Letras (Língua Espanhola e Lit. Espanhola e Hispano-Americ.) pela Universidade de São Paulo. E-mail: [dan.silva58@hotmail.com](mailto:dan.silva58@hotmail.com).

<sup>2</sup> *Mare, no entenc els salmons*, no original em catalão.

<sup>3</sup> Esta obra é publicada em espanhol sob o título *Aprendizaje sentimental*, em 1981. Nela o conto de abertura – *Breve historia sentimental de una madama Bovary barcelonesa nacida en Gràcia y educada según nuestros mejores principios y tradiciones* – se desenvolve a partir da morte de Mundeta, personagem central do primeiro romance de Roig: *Ramona, adieu*, de 1972. Podemos considerá-lo como precursor de uma trilogia seguida pelos romances *El temps de les cireres*, de 1976 – publicado em espanhol no mesmo ano com o título *Tiempo de cerezas* –, e *L' hora violeta* – com publicação em língua espanhola igualmente em 1980, sob o título *La hora violeta*. Nos três, a reaparição e referências rememorativas ou prenunciadoras de diversas personagens marcam o elo de uma trama que se compõe mediante a transição democrática espanhola como pano de fundo histórico inerente às narrativas da autora.

capítulos que a constituem nos defrontamos com distintas formas de expressão, como diário, cartas e relatos que se interseccionam em um enredo extremamente fragmentado, apresentando-nos Norma como uma das personagens centrais, que entrelaça as múltiplas perspectivas do romance. A posição dessa protagonista também se manifesta no conto, que, recortado do seu lugar de origem, evidencia dois planos fundamentais: o diálogo entre mãe e filho e o relato sobre a violência sofrida pelos republicanos nos campos de concentração nazistas.

O princípio *in media res* da história nos coloca dentro de uma esfera cotidiana, na qual o discurso direto ocorre de forma exclusiva. Nele, Norma descreve o movimento realizado durante a primavera pelos salmões, que se deslocam do mar, onde vivem no inverno, a caminho do rio onde nascem. De acordo com a explicação da protagonista quanto aos questionamentos da criança sobre tal prática, a memória é destacada como elemento fundamental para o regresso da espécie, de modo que é recordando o passado que os salmões percorrem o mar em busca do seu lugar de origem. As dúvidas do filho quanto àquilo que escuta reverberam ao longo da narrativa, consolidando, assim, um dos núcleos principais da história.

O diálogo é interrompido pelo relato que um velho republicano faz a Norma, no qual ele constantemente discorre acerca das torturas que sofreu, além de expor suas reflexões particulares sobre os acontecimentos traumáticos que marcaram seu passado, devido ao seu posicionamento político-ideológico. Sua fala está conformada por dois blocos situados entre os três momentos do texto que evidenciam a conversa entre a protagonista e o filho, subdividindo, assim, o conto em cinco partes. Em *La hora violeta*, Norma faz alusão ao trabalho de pesquisa que realiza sobre os catalães nos campos de concentração nazista<sup>4</sup>, reforçando a ideia de que *Madre, no entiendo a los salmones* é destacado de um projeto maior. No romance, explicita-se a maneira pela qual a personagem elabora um texto ficcional representativo de uma das experiências posteriores à consolidação do seu trabalho testemunhal: “Norma pensó en los viejos republicanos, que se habían estrellado contra la Historia. Por la noche escribó un cuento” (Roig 1980: 254). A elaboração da personagem-escritora se engendra com base em uma de suas viagens a Paris, quando vai à inauguração de um cemitério de refugiados espanhóis, onde se encontra com um dos ex-deportados que havia entrevistado.

Por esse contexto, consideramos alguns desenlaces relacionados à personagem no romance para compreendermos questões presentes no conto. Sua estrutura – marcada inicialmente pelo discurso direto – vai, com o avançar da fala do republicano, abrindo espaço para o fluxo de consciência da protagonista. À medida que escuta a narração de um momento trágico, ela recorda algo que lhe é particular: o sofrimento resultante de um caso amoroso. Esta lembrança pode ser analisada como um plano narrativo subjacente aos núcleos centrais do conto, consolidada a partir da transmissão feita pelo ex-deportado.

A tensão existente entre os dois eixos que encabeçam a história nos remete à construção realizada pela técnica da troca-de-tempo, na qual a sequência apresentada

<sup>4</sup> Este trabalho, de fato, foi realizado por Montserrat Roig em seu livro *El catalans als camps nazis* (1977) – publicado em espanhol com o título *Noche y niebla. Los catalanes en los campos nazis*, em 1978 –, no qual a autora desenvolve um testemunho a partir das entrevistas que realiza com os republicanos deportados de guerra que vivenciaram as torturas dos campos de concentração.

ao longo da narrativa se sobressai ao caráter cronológico da ação, ocasionando uma confluência entre dois tempos distintos que se dá paulatinamente ao longo do texto:

O foco do presente troca continuamente; o passado e o presente relativos são deliberadamente dissolvidos; os tempos se confundem, ou melhor, fundem-se, de tal modo que sente-se o passado não como distinto do presente, mas sim como se nele estivesse incluído, permeando-o. Todo o momento é concebido como a condensação da história anterior, e o passado não é separado e completo, mas uma parte sempre em desenvolvimento de um presente em mutação (Mendilow 1972: 118).

A correlação existente entre presente e passado aponta para uma ordenação de tempo que ocorre, primordialmente, na sequência textual. Se por um lado sabemos que a recordação de um caso amoroso ocorre a partir da escuta de Norma, por outro relativizamos a sucessão temporal entre relato e diálogo, com base naquilo que eles tratam: o movimento dos salmões é recorrente e, por isso, marcado pelo uso do presente do indicativo; a experiência nos campos de concentração é localizada, a princípio, no passado e sublinhada, portanto, pelo uso do pretérito perfeito. Tais demarcações particularizam dois instantes – quando ocorre o diálogo e quando o relato se desenvolve – relacionados ao presente relativo da protagonista, visto que ela (com base em suas experiências pessoais) ficcionaliza situações temporalmente próximas ao período de construção do conto que compõe, colocando-se como figura central<sup>5</sup>.

O que se evidencia em ambos os planos narrativos é a importância do processo de transmissão-escuta, dado que é por meio dele que o conto se consolida, conjugando as partes que o formam. É, então, considerando a relação entre elas que buscaremos analisar a maneira como um relato particular relacionado às consequências da guerra se constrói e se conflui aos demais eixos impressos na narrativa – diálogo entre mãe e filho e lembrança de um caso amoroso –, bem como o que decorre do encadeamento entre os distintos tempos que conformam o texto. Para tanto, os planos narrativos presentes no conto serão recorrentemente confrontados ao longo de nossa análise. A princípio, eles se distanciam um do outro por comportarem, cada qual, conteúdo e estrutura específicos, como se pode observar ao início da narrativa a partir de uma hipótese do filho sobre o que escuta:

-Quizás piensan que hace demasiado frío en el mar.

-Quizá sí.

-¿Por qué los salmones van a morir donde han nacido? ¿Cómo pueden recordarlo?

<sup>5</sup> Em *La hora violeta*, revela-se o exercício de fabulação a partir de uma experiência pessoal no parágrafo subsequente ao conto escrito por Norma: “La realidad fue muy distinta y quizá Natàlia se lo echaría en cara. Los hombres que fueron al cementerio rendir homenaje a los exiliados que no pudieron volver a casa, no eran fantasmas. Pero Norma les vio así. ¿Fue el silencio de Alfred lo que les convirtió en fantasmas ante Norma? ¿Le estorbaban?” (Roig 1980: 259).

-Es que tienen mucha memoria. Se van al mar porque es amplio. Y profundo. Pero luego el lecho del río los llama.  
 -No entiendo a los salmões.

Norma sintió que el frío le cortaba la piel. Hacía poco que había llegado del sur, dónde el otoño aún era cálido. Remontó el camino que llevaba al cementerio con el viejo republicano (Roig 1990: 87).

Um espaço em branco separa diálogo e relato, apontando para a particularidade de cada um. Enquanto o movimento dos salmões é o escopo da primeira parte do conto, a segunda apresenta um narrador onisciente que logo de início explicita a sensação de Norma ao percorrer um caminho junto daquele que contará sua história como deportado de guerra. A distância entre esses dois momentos, entretanto, começa a ser sublimada quando sopesamos o elemento propulsor que os consolida.

A memória dos salmões é responsável por sua transmutação espacial realizada através do mar. Eles são impulsionados a habitar este espaço que é caracterizado por duas atribuições dadas pela protagonista - amplitude e profundidade. Elas exprimem uma correlação existente entre o novo habitat da espécie e sua capacidade de rememoração, de maneira que o componente externo a ela (o mar) reflete um aspecto que lhe é interno (a memória). Disso podemos observar que os elementos da natureza que formam parte da narrativa acompanham simbolicamente o processo da memória que é delineado no texto. Assim, os aspectos atribuídos ao mar podem igualmente ser relacionados à memória, tal como o próprio movimento ondulatório que dele se depreende. Seu percurso mobiliza os salmões que nele vivem e também as palavras que se conjugam e conformam a transmissão. É nesse sentido que o afastamento entre as duas primeiras partes do conto se atenua, visto que em ambas a friagem aparece como elemento ambientador dos espaços referidos - mar e cemitério. A sensação de frio começa a ser sentida na pele daquela que, junto a uma vítima de guerra, irá também remontar um caminho, demarcado pela escuta e consequente aproximação do passado.

Assim sendo, observamos que a técnica da troca-de-tempo que marca a composição do conto assinala não somente a diferenciação temporal entre as partes que o conformam, mas, acima de tudo, é responsável justamente pelo efeito ambíguo de afastamento e aproximação entre ambos os planos narrativos, como é possível observar no percurso realizado no texto e pelas personagens.

Se ao início do conto nos atentamos para o movimento de regresso da espécie marinha, também devemos considerar o caminho remontado pelas personagens envolvidas na transmissão do relato, bem como o próprio movimento da narrativa. A ação de "remontar", ou seja, "montar parte por parte" - como ocorre na própria composição do conto - não se restringe unicamente à busca da protagonista (nem somente a dos salmões que, como se evidencia no início do texto, "remontan los ríos"), mas também a um caminho percorrido que levará as personagens ao reconhecimento das torturas sofridas e das mortes que são albergadas justamente no cemitério para onde transmissor e interlocutora se dirigem.

No cemitério não falam somente os vivos, mas também outros republicanos atormentados e assassinados, que regressam à vida através de uma personagem que escuta a experiência daquele que vivenciou os suplícios tão desumanos quanto o próprio esquecimento. Em vista disto, o narrador do conto desenvolve a tarefa inglória de “transmitir o inenarrável, manter viva a história dos sem-nome, ser fiel aos mortos que não puderam ser enterrados” (Gagnebin 2006: 47). Isso se dá no texto recorrentemente pelos elementos ambientadores do espaço que, além de estabelecerem conexões entre as distintas partes do conto, também carregam consigo a (re)significação daquilo que é narrado:

No es difícil recordarlo: fue durante un invierno gélido, los ríos se helaron, se perdieron las viñas, los caminos se llenaron de lodo. Llovió sin parar y el fango cubría las trincheras donde se resguardaban, medio perdidos, los hombres que venían del sur.

El republicano no dejaba de hablar, mi vida es una novela, Norma, en el campo nazi nos hacían acarrear, en cajas de madera, la mierda de los deportados que trabajábamos en la cantera. Bajábamos los peldaños resbalando a causa del hielo y de la porquería amontonada. Nos cargábamos las cajas al hombro, y luego, vuelta a empezar. Los peldaños y la pendiente. Arriba, sin parar. Pobre de ti si te parabas. Norma sentía mucho frío, como si alguien hurgara con alfiler en cada poro de su cuerpo (Roig 1990: 88).

O relato do republicano se inicia na segunda parte do conto. O parágrafo antecedente às suas declarações ambienta o lugar onde esteve. A rigidez do frio durante o inverno – estação em que ele e seus demais companheiros chegam aos campos – altera os elementos ao redor. Os rios, as árvores e os caminhos são modificados; e a chuva interfere no espaço que abriga as vítimas – as trincheiras. Ar e água castigam o espaço anunciando o que também ocorrerá com aqueles que ali estão. Trazem consigo não somente a rigidez aparente, mas também o passado. “No es difícil recordarlo” justamente pela comunhão entre os acontecimentos sofridos pelo homem que se reverberam como devastação da natureza, acolhedora daqueles que, tal como Norma, haviam chegado do sul.

As ruínas do meio e do homem se evidenciam textualmente na fala do republicano, inserida na fluidez do discurso em terceira pessoa que se rompe pela presença de uma vírgula. No segundo parágrafo do excerto anteriormente destacado, nota-se uma mudança abrupta no primeiro período, marcada pela interrupção da narrativa em terceira pessoa. Apresenta-se um discurso direto, mas sem alteração de parágrafo ou uso de travessão, indicando – além da própria mudança discursiva, também demarcada pelos efeitos naturais no espaço – a forma abrupta pela qual a fala do republicano se insere, relacionando-se diretamente ao modo *in media res* pelo qual o conto se inicia. Dessa forma, demarca-se o caráter dinâmico da transmissão, registrada no conto não de maneira ordenada, com início, meio e fim. Ao contrário, busca-se registrar as falas tal – ou de maneira aproximada – como elas são conduzidas pela memória. Esta, por sua vez, fica plasmada no conto precisamente

pelas inserções sem uma ordem cronológica específica, evidenciando-se, ao invés disso, seu desenrolar descontínuo.

A fala do republicano se dá de modo incessante, relacionando-se ao próprio aspecto ininterrupto das torturas que sofria. O movimento de “vuelta a empezar” quanto ao que era forçado a fazer reflete a maneira recorrente pela qual os acontecimentos são trazidos à tona. Com isso, o percurso dos salmões, as torturas dos republicanos e a consciência de Norma são imbuídos de um caráter circular, ao serem retomados constantemente no conto. Isso também pode ser observado na constante reiteração da sensação de frio que perpassa a narrativa.

Quanto mais Norma vai tomando conhecimento do discurso do republicano, mais ela vai reconhecendo as consequências da guerra ao ponto de, tal como a personagem que dá seu testemunho, também sofrer uma espécie de tortura. Esta se estabelece por meio da escuta. Norma conhece um dos atos de suplício existentes nos campos de concentração e, conseqüentemente, passa a ser torturada pela rigidez da temperatura. Com isso, seu corpo vai sendo, metaforicamente, alvo de furos de alfinetes que lhe são dados em decorrência do frio, durante a escuta do relato. Novamente, o que percebemos é a aproximação entre aspectos que, a princípio, estavam distantes entre si.

Nesse sentido, o transmissor emite à sua ouvinte sua tragédia particular que desencadeia também a memória daquela que escuta. A posição de anestesiada frente ao relato que inicialmente não quer ouvir se transfigura em condição de sensibilidade para Norma – intensificada progressivamente com o frio –, que vai rememorando seu caso amoroso a partir do relato que lhe é transmitido. Com isso diferentes tempos e particularidades se interseccionam de forma cada vez mais contundente ao longo da narrativa:

Le diré que hemos de hacer las paces, que no lo puedo olvidar, que no quiero sentir piedad de la mujer que también le quiere. ¿Por qué tengo que olvidarle?

Los fantasmas acompañaban el susurro de los muertos sin nombre. Los fantasmas avanzaban y retrocedían, giraban en corro. No decían nada, solo parecían mirar con unos ojos desorbitados que no podían cerrarse. Nosotros no olvidamos, así hablaban los ojos, eso decía el susurro (Roig 1990: 90).

A presença e a fala do republicano vão se tornando perturbadoras, ao passo que cada vez mais distantes. As imagens na construção do texto se dão de modo mais concentrado, intercalando aspectos externos e internos relacionados à Norma, ao ponto de ela se aproximar mais do seu próprio sentimento, recordando aquele que ama. Com isso, um terceiro plano narrativo é delineado. Ele está marcado pelo fluxo de consciência daquela que, após o relato que lhe chega de modo constante, começa a recordar algo que lhe é particular. Isso ocorre no momento em que ela se questiona sobre o motivo que a faria se esquecer de quem ama.

Não obstante, devemos reconsiderar referida individualidade da protagonista levando em conta que tanto sua experiência, quanto àquela vivenciada nos campos, correspondem, a princípio, a momentos pessoais das personagens. Entretanto, a

experiência individual do transmissor alça uma dimensão coletiva se ponderarmos que para os republicanos as consequências da contenda foram ainda mais adversas, devido à repressão incutida socialmente aos que fossem contrários à ideologia vigente. No conto, essa contrariedade está simbolizada pelos salmões que vão de encontro às correntes empenhando uma busca vital, tal como transmissor e ouvinte que empreendem um caminho tortuoso, caracterizado pelo reencontro. Para que se regresse ao passado, as personagens se lançam contra o esquecimento, remontando gradativamente suas experiências consolidadas no texto mediante constantes rupturas. Por esse viés, julgamos que “la construcción colectiva de la memoria es ‘reflexiva’, puesto que los recuerdos de los demás configuran los recuerdos del individuo, y los recuerdos del individuo pueden configurar asimismo los recuerdos de los demás” (Luengo 2004: 24). A experiência dos republicanos nos campos de concentração pode ser lida como memória coletiva consolidada pelo exercício de rememoração, realizado de modo contundente pelas personagens, e emblemática pelo espaço ficcional que acolhe o relato: um cemitério que, precisamente, homenageia e mantém viva a lembrança dos que foram esquecidos.

Há no conto um movimento que ora aponta para uma experiência particular, ora remete a uma experiência coletiva, de modo que uma se reflete na outra, ocasionando uma sobreposição temporal que, por sua vez, traz novamente à tona uma memória individual. No entanto, é fundamental levarmos em conta que esta se constrói tanto social, como individualmente. Assim, o que para a vida do republicano foi um trauma pessoal, faz parte também da lembrança de um grupo. Isso é o que impulsiona o trabalho reflexivo de Norma de rememorar discursivamente – em seu trabalho de testemunho e em sua criação ficcional – os acontecimentos do passado forjados pela manipulação empenhada durante a ditadura, a fim de obliterar as atrocidades engendradas pelos nacionalistas. A violência do regime concentracionário ocasiona o choque que implica o resgate a conta-gotas do passado, simbolizado na lembrança amorosa da ouvinte que trava consigo mesma um confronto.

O embate entre lembrar e esquecer fica assinalado no texto precisamente pelas idas e vindas da recordação da escritora-personagem e, ainda, da fala daquele que transmite uma experiência individual-coletiva. Tal como os salmões que saltam as rochas para alcançar seu destino, o republicano também fica representado por seu movimento constante de busca. Enquanto aqueles se lançam contra as rochas que atravancam o caminho percorrido, o transmissor vai de encontro com a História que tolhe a memória ao ponto de fazer com que as vítimas da guerra sejam esquecidas. O percurso daquele que fala se torna duplamente doloroso: por um lado, seu relato traz à tona o passado traumático vivido nos campos, por outro, seu trajeto rememorativo se torna penoso justamente por representar uma luta desigual. Por meio dela o regime totalitário vence inúmeras batalhas por intermédio da repressão contra a memória dos coagidos, através de um discurso oficial que sublima, além das atrocidades propagadas pela ditadura, a lembrança dos que morreram por uma causa. Essa morte deve ser considerada em amplo sentido no plano narrativo, que assinala através de suas constantes rupturas a ausência massiva dos exterminados durante a guerra e o período de exceção, e também aos banidos socialmente, seja mediante deportação, seja pelo silenciamento disseminado historicamente.

Em contrapartida, exerce-se ficcionalmente um “trabalho de luto que deve ajudar nós, os vivos, a nos lembrarmos dos mortos para melhor vivermos o hoje” (Gagnebin 2006: 47). O exercício de recordação entabulado literariamente é capaz de mitigar o esquecimento propagado ao longo da história. Isso pode ser percebido pelo poder de fabulação posto em prática pela personagem-escritora que reinventa o passado, compondo a representação de uma memória que segue viva. Por conseguinte, vemos Norma como uma personagem de intersecção, que se desloca pelos diferentes tempos impressos no texto. O frio que corta sua pele pode simbolizar a reconstituição de um momento trágico que elucida os questionamentos do seu filho e desenlaça a lembrança do seu sentimento. É quem transmite o conhecimento sobre o movimento dos salmões, delineando a relevância da memória à espécie que, simbolicamente, representa também a importância do lembrar para uma geração pós-ditadura.

No conto isso se evidencia em grande parte pelos elementos da natureza que carregam consigo o passado, impresso no percurso do mar e do vento, e igualmente pelos fantasmas que avançam e retrocedem também trazendo consigo a memória. Eles estão assinalados pelo “nosotros” presente no texto que amplia seu referente. A ação relacionada a este pronome – “no olvidamos” – diz respeito não somente aos republicanos mortos impunemente nos campos de concentração, mas a todos os participantes do ato de transmissão. É o elemento sinestésico – “hablaban los ojos” – que aponta para a condensação da consciência das personagens que, por sua vez, trava um processo de oscilação constante entre as tragédias particulares daquele que emite sua experiência e daquela que a escuta e passa a recordar-se do seu caso amoroso. Portanto, são os olhos que falam, primeiramente, porque são eles que captam a imagem daquilo que ficará guardado na memória. De outro modo, a sinestesia aponta para a ampliação dos agentes envolvidos na rememoração. Também estão implicados em referido pronome aqueles que seguem recordando os historicamente esquecidos. Não há saída, então, para aquela que promove a transmissão do relato, a não ser também se recordar. O caminho inexato pelo qual a memória recorre fica marcado pela lembrança que a protagonista tem justamente daquilo que lhe causa dor. Há uma conexão entre o que ela escuta e recorda à medida que consideramos trágico aquilo que é rememorado tanto pelo republicano, quanto por Norma.

Hemos venido aquí con la misma bandera con la que cruzamos la frontera en 1939, y no creo que nadie nos podrá rebatir, rebatir, rebatir...

A Norma se le escaparon las últimas palabras. El viento parecía absorberlas. Y el frío le horadaba el cuerpo, como si estuvieron desgarrando la piel. Te llamaré, desde tan lejos, solo para decirte que te quiero. Rebatir, rebatir, te quiero, te quiero (Roig 1990: 90).

O narrador apresenta a perspectiva da vítima de guerra, que se viu forçada a abandonar seu país em busca de sobrevivência. Tal como a consciência dos salmões que os impulsiona a saltarem as rochas até chegarem a seu destino, manifesta-se também o empenho do republicano que sai do seu território, mas acompanhado da

bandeira que representa sua causa. Ainda que tenha sido rechaçado do seu país e vivenciado experiências traumáticas, ele não deixa de acreditar que, junto a todos aqueles que foram vitimados no passado, sua luta irá se perpetuar. O termo “rebatir” está suspenso no texto, demonstrando precisamente que a propagação do relato pode ser camuflada e desviada historicamente. Ademais, para que a lembrança da ouvinte se evidencie no texto, o que lhe é transmitido, conseqüentemente, será rebatido, dando lugar à sua interioridade. Sendo assim, ocorre um encadeamento entre aquilo que é emitido e o fluxo de consciência de Norma. Isso reitera o alcance da rememoração e a impossibilidade de esquecimento àqueles que se empenham em desvelar a palavra contida pela lembrança que é trágica.

O rebatimento sinalizado pelo republicano se desenlaça na consciência da protagonista por meio do vento que absorve as palavras que ela escuta, transmutando-as para o interior de si mesma. Mesmo tentando rechaçar seu desejo perceptível por sua interioridade exposta em palavras no conto, o que vigora é seu anseio, indicado pela expressão “te quiero”. Esse sentimento ecoa em sua mente demonstrando à medida que ela recorda que o amor sentido por ela continua existindo e se fazendo presente.

O encadeamento entre experiência ouvida e vivida que se manifesta no conto, pode também ser notado no terceiro capítulo de *La hora violeta – La hora dispersa (Ellos y Norma)*. Nele nos deparamos com a narração do processo empenhado pela protagonista quanto à pesquisa que ela desenvolve para compor sua obra testemunhal. Ela se encontra com ex-deportados de guerra e coleta informações relacionadas à experiência daqueles que estiveram nos campos de concentração. Entretanto, também se imprimem no texto suas relações pessoais em recorrente embate com seus ideais feministas.

Norma foi casada com Ferran durante sete anos e se apaixona por Alfred, com quem mantém uma relação extraconjugal por ele ser casado. Ainda que ela manifeste sentimentos por ambos, também está em constante enfrentamento interno com sua causa e refletindo sobre seu posicionamento como mulher. Esse é um dos motivos que a fazem decidir ficar sozinha, pois se no ex-marido não encontra mais a atenção que almeja, no amante não alcança estabilidade. Sua postura transgressora, em consonância ao feminismo que a move, no entanto, não lhe traz tranquilidade mediante sua solidão. Ela trava uma luta consigo mesma para esquecer os homens que ama e, principalmente, Alfred, personagem que protagoniza seu fluxo de consciência em *Madre, no entiendo a los salmones*.

No conto, sintetiza-se a constante oscilação – também presente no romance – que ora aponta para uma tragédia coletiva (a violência contra os republicanos), ora depreende dela um fracasso individual (a incapacidade de se esquecer de quem ama). Se no passado do republicano que relata, o inverno ambienta momentos que lhe são traumáticos, no presente da mulher que escuta, a aflição dos instantes transcorridos será repercutida pela rigidez do frio que desgarra a pele da ouvinte.

A reiteração da presença de tal elemento se relaciona à reverberação da memória para a composição do texto, voltando a atormentar no presente, assim como

um dia torturou aqueles que foram submetidos ao regime concentracionário<sup>6</sup>. O frio que se sente se amplifica em consonância ao relato que evolui e à saudade de Norma que oprime cada vez mais. Em decorrência disso, percebemos um processo de internalização no conto. O que a protagonista escuta vai se intensificando com o frio, também originado externamente. Então, o que antes era externo passa a ser configurado internamente na narrativa: temos acesso à sensação de Norma e também ao seu fluxo de consciência. Tal como a tortura relatada, o processo da memória se estende no texto, permitindo-nos conhecer um sentimento amoroso, que resiste e toma forma.

O narrador nos apresenta os pensamentos da protagonista que se revezam com a fala de sua testemunha do pós-guerra. Com isso, entendemos que a tragicidade do republicano indica também o funesto vivenciado por Norma em seu relacionamento amoroso, já que um tempo é desencadeado através de outro. Certamente, não são elevadas a um mesmo grau as desventuras vivenciadas pelas personagens, porém se expressa justamente a impossibilidade de se esquecer o que lhes acontece dramaticamente no passado.

Compreendemos que a protagonista esforça-se por rechaçar sua lembrança, como é possível identificar na última frase da quarta parte do conto: “Norma quería olvidar” (Roig 1990: 91). No entanto, a personagem não o consegue, por ainda amar a pessoa que recorda. O sentimento representa sua tragicidade, justamente por ser lembrado e desencadeado a partir do relato calamitoso do republicano, engendrado também através da memória. Ocorre, assim, uma inter-relação entre as personagens, de modo que o elemento trágico perpassa as vidas representadas. As lembranças, por mais dolorosas que sejam, proporcionam uma reflexão sobre o presente. Conscientizar-se dele é inevitavelmente revisitar os acontecimentos ocorridos.

Nesse sentido, o passado atroz que aparentemente está distante daquela que escuta se faz cada vez mais próximo, implicando na sobreposição de elementos narrativos que vão confluindo cada vez mais, à medida que o texto avança – ainda que as rupturas continuem ocorrendo, como é possível notar na passagem da segunda para a terceira parte do conto:

Los cuerpos que estaban en las tumbas desaparecieron durante una buena cantidad de años. Las zarzas y los matorrales los taparon. Los nombres se borraron, cubiertos por la aliaga. El catastro francés asignó un nombre a cada montículo. Cada número un *rouge espagnol*. Los barracones del campo también desaparecieron y se transformaron en

---

<sup>6</sup> Antony Beevor apresenta o destino dos republicanos ao fim da guerra civil do seguinte modo: “Os lugares para onde foram mandados os republicanos derrotados consistiam em trechos de litoral úmidos e salgados sem nenhuma proteção contra o vento. O primeiro campo a ser aberto, em meados de fevereiro, ficava em Argelès-sur-Mer. Era pouco mais que um charco dividido em retângulos de um hectare cada, circundados por uma cerca de arame farpado guardada por soldados senegaleses. Havia escassez de água potável, muitos recorriam a beber água do mar, e nada se fez para construir instalações sanitárias. A comida que recebiam era pouca e de má qualidade. Os homens sofriam de sarna e pediculose. Os 77 mil refugiados, muitos sem roupas adequadas, pertences, dinheiro nem comida, tiveram de construir cabanas para os doentes e feridos. O resto enterrava-se na areia para se abrigar do vento. Só depois das primeiras semanas lhes entregaram água potável em latas e madeira para construir latrinas perto do mar” (Beevor 2007: 559).

cabañas para que los campesinos dejaran las herramientas. Los muertos habían sido enterrados en aquel cercado porque eran *rouges*, y los *rouges* no podían ir a parar al cementerio católico.

- Y muchos de los salmões mueren antes de llegar a su destino. Embisten las cascadas, procuran saltarlas, pero muchas veces vuelven a caer y la corriente los arrastra hacia el mar (Roig 1990: 88).

Novamente há um corte no texto, alinhavado pela fala de Norma: aquilo que ela emite dá continuidade ao relato que escuta. A denúncia que ele proporciona fica marcada textualmente pela cisão existente entre as duas partes do conto expostas acima. Ela acontece justamente no momento em que o republicano discorre sobre o esquecimento em relação aos corpos das vítimas que foram abandonados. Ocorre, então, a reverberação da fala de Norma na parte subsequente do texto, na qual ela explica o processo de regresso dos salmões e seu esforço para sobreviver, sendo que muitos não o conseguem e são arrastados pelo mar.

O empenho dos salmões é exposto de maneira fragmentada ao longo da narrativa. Das cinco partes que a compõem, a segunda e a quarta dizem respeito ao relato do republicano; esta última evidencia a rememoração de Norma do seu caso amoroso. De outro modo, o movimento dos salmões, destacado nas demais partes, mimetiza no conto o processo da memória. Observamos o aspecto mimético através da explicação apresentada por Norma, entrecortada pelo relato do republicano. Ou seja, a oscilação dos salmões ao saltarem as correntes pode apontar para os saltos da memória, que está fragmentada ao longo do texto. O empenho que eles empreendem evidencia a consolidação da memória, que resiste mesmo frente às adversidades, como aquela simbolizada pelas rochas que interceptam o caminho percorrido. Assim, ainda que existam diversas rupturas ao longo da narrativa, a memória é posta como elemento de resistência e é por meio dela que tomamos conhecimento do passado.

Isso assinala precisamente a confluência entre os distintos planos narrativos que se sobrepõem no texto, apontando para a relação que se estabelece entre tempos distantes entre si. Tal aspecto também se manifesta na representação das personagens do conto, localizadas em instantes que as individualizam, ao passo que se correlacionam em um aspecto comum: por mais distante que se esteja de um acontecimento passado, o que dele decorre é capaz de se manifestar de maneira universal, ainda que se dê mediante uma experiência individual. Assim, a importância dos salmões se faz essencial para a mimetização das tragédias das personagens. Eles representam o movimento feito quando o republicano transmite sua própria história. Ele não está em sua casa. É um exilado e, portanto, também está longe do seu lugar de origem. Esse deslocamento é delineado no texto por meio dos vocábulos estrangeiros utilizados para representar os republicanos espanhóis, o que provoca uma ruptura discursiva. Seu posicionamento político lhes causa uma segregação evidenciada pelo uso do estrangeirismo constantemente ouvido no passado que os identifica e no presente fica sublinhado na fala de quem agora reconstrói sua história. Ela está marcada pelo exílio característico tanto pelo distanciamento da terra natal, quanto pelo próprio lugar que os abriga. A repetição do termo *rouge* assinala o isolamento, indicado pela vivência em outro país que se

estende ao longo de toda uma vida e, conseqüentemente, demarca a segregação dos republicanos de sua terra natal. Ademais, demarca-se no estrangeirismo um novo salto narrativo, de um idioma a outro, constantemente reiterado ao longo do caminho percorrido pelos salmões.

No cemitério localizado no território que antes de albergar, caracterizou-se como cenário de propagação da violência, imprime-se o caminho de volta emplacado pela memória que leva o republicano até o passado, revisitado através do espaço onde seus companheiros estão simbolicamente enterrados. Novamente os elementos da natureza assinalam a tentativa de esquecimento em relação àqueles espanhóis que morreram sem direito a um pedaço de terra que salvaguardasse seus corpos e sua memória. É desse modo que o desaparecimento das tumbas, a obstrução dos corpos pela mata e a supressão dos nomes pelas plantas caracterizam o apagamento dos rastros que, por sua vez, aponta para o refreamento da memória. Desenvolve-se, então, a reconstrução do passado, desconhecido de uma juventude, tanto por desconhecimento, quanto pela perda de relevância dessa história, que refletem na incompreensão do filho de Norma o sufocamento consolidado pelo pacto de silêncio firmado durante o período democrático.

Assim sendo, a possibilidade de regresso ao passado é empenhada pelo republicano quando ele transmite a sua própria história. Por meio do seu relato ele volta à sua origem indicando a necessidade da rememoração para se alcançar uma consciência do presente. Logo, os salmões mimetizam a relevância da memória que deve ser exercida de maneira constante, tal como o percurso de regresso empenhado continuamente pela espécie. Ao recordar-se também seu lugar de origem não é possível compactuar – ainda que de maneira silenciosa – com os horrores da contenda e advindos dela, que ocorrem desde dentro do próprio território e marcam os compatriotas.

É a partir disso que consideramos a epígrafe do conto: “¡Que la maldición acabe conmigo!” (Roig 1990: 85). A frase presente na obra *Antígona* (1955), do escritor catalão Salvador Espriu, remete ao clássico grego de Sófocles, no qual a personagem Antígona vai contra a ordem estabelecida e enterra seu irmão Polinices. Este guerreou contra seu outro irmão, Eteócles, e ambos morreram em consequência da busca pelo trono da cidade de Tebas. Creonte assume o poder e condena o corpo de Polinices ao não sepultamento, devido às ruínas que este deixou em Tebas em virtude da luta que engendrou. Antígona transpõe a ordem ao enterrar o corpo do irmão e é condenada à morte. A impreciação a qual ela se refere diz respeito àquela dada pelo pai, Édipo, que ao ser abandonado pelos filhos Polinices e Eteócles lança sobre eles uma maldição para que se matassem entre si. No entanto, tal encantamento atinge também a irmã, pois ela dá a vida pela memória do seu irmão, sepultando-o.

A maldição se refere a um ato de abdicação em prol da memória. No clássico grego, Antígona renuncia à própria vida para sepultar o corpo do irmão. Essa atitude se manifesta também na peça de teatro catalã, no entanto, esta localiza o momento trágico como consequência do contexto bélico em que se insere. A maldição que no clássico grego ocasiona a luta entre irmãos se estende na tragédia contemporânea como duelo entre compatriotas. O irmão assassinado de Antígona – Polinices – representa na obra catalã os mortos da guerra civil, sobretudo aqueles que também

foram privados de sepultamento e, conseqüentemente, esquecidos pela história oficial.

Nesse sentido, em *Madre, no entiendo a los salmões*, é a consolidação do relato do republicano que, de certo modo, proporciona o sepultamento dos deportados, lembrados, portanto, através da narrativa. Logo, a memória deve ser lida como um elemento de resistência: morrem os salmões ao regressarem ao seu lugar de origem; o republicano vai de encontro a uma experiência traumática; a protagonista recorda um caso que lhe causa dor. Há uma ressignificação do mito no conto que se evidencia pela dor da lembrança, mas que é necessária para que os milhares de republicanos, vítimas dos campos de concentração, tenham seus corpos sepultados e a sua memória preservada.

A fragmentação que marca a estrutura do conto aponta para o modo como a memória ocorre. Seu caráter descontínuo se evidencia nas várias rupturas e sobreposições que se apresentam textualmente. Elas ocasionam um entrelaçamento entre os distintos tempos impressos na narrativa que, em mudança de foco constante, representam uma aproximação entre aquilo que, a princípio, parece se distanciar.

Ao início da história, Norma está em um processo de busca caracterizado pelo diálogo que estabelece com seu filho. Sua tentativa é de explicar a ele simbolicamente, mediante o movimento que é realizado pelos salmões, a importância da memória:

Buscamos aquilo que tememos ter esquecido, provisoriamente ou para sempre, com base na experiência ordinária da recordação, sem que possamos decidir entre duas hipóteses a respeito da origem do esquecimento: trata-se de um apagamento definitivo dos rastros do que foi aprendido anteriormente, ou de um impedimento provisório, este mesmo eventualmente superável, oposto à sua reanimação? Essa incerteza quanto à natureza profunda do esquecimento dá à busca o seu colorido inquieto. Quem busca não encontra necessariamente. O esforço da recordação pode ter sucesso ou fracassar (Ricoeur 2007: 46).

O conto assinala a dupla possibilidade quanto à origem do esquecimento do passado bélico e do que ele acarretou e seguiu ocasionando para a sociedade espanhola. Por um lado, as múltiplas lacunas que conformam a narrativa apontam para os rastros que vão sendo sistematicamente apagados ao longo do regime ditatorial. Esses rastros são reavivados pelo discurso ficcional que vai tecendo, por meio do seu caráter imaginativo, a memória oprimida que se redimensiona mediante sua forma fragmentária. Por outro lado, busca-se superar a história – impedida de se propagar – através da representação do trágico supostamente esquecido. Se a busca não garante a recordação, podemos afirmar que o empenho delineado no conto vai de encontro ao esquecimento impulsionado pelo autoritarismo que forçou a memória a se calar.

Por tudo isso, a incompreensão do filho de Norma fica sintetizada no título do conto, que expressa o não entendimento a respeito do regresso da espécie marinha e também o desconhecimento quanto ao ato de rememorar que, conseqüentemente, provoca o esquecimento em relação às vítimas do regime concentracionário. Isso

suscita a busca da protagonista, empenhada através da escuta que realiza do relato de quem sofreu diretamente nos campos. Com isso, expressa-se por meio do discurso literário a resistência ao esquecimento resultante do silenciamento instaurado no contexto em que Norma se encontra.

## THE SALMONS PATH. THE MEMORY PROCESS

**Abstract:** The short story *Madre, no entiendo a los salmones* (1990), written by Montserrat Roig, presents a republican's narrative reported to Norma, the protagonist, who resorts to different times in order to perform a complex reminiscence process. The movement salmons make from the sea to the river where they were born works as a symbol of this process. The present paper intends to analyze how the different narrative levels relate and reflects on the importance of memory in these characters' lives. We take into account the role played by a non-human animal in a literary text that represents the period after the Spanish Civil War and the suffocation of the past of thousands of republicans in Nazi concentration camps.

**Keywords:** *Madre, no entiendo a los salmones*; memory; post-Spanish Civil War.

## REFERÊNCIAS

- BEEVOR, Anthony. *A batalha pela Espanha*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo. Ed. 34, 2006.
- LUENGO, Ana. *La encrucijada de la memoria*. Berlín: Tranvía, 2004.
- MENDILOW, Adam Abraham. *O tempo e o romance*. Porto Alegre: Globo, 1972.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- ROIG, Montserrat. *El cant de la joventut*. Barcelona: Edicions 62, 2013.
- \_\_\_\_\_. *El canto de la juventud*. Trad. Joaquim Sempere. Barcelona: Península, 1990.
- \_\_\_\_\_. *La hora violeta*. Trad. Enrique Sordo. Barcelona: Argos Vergara, 1980.

---

ARTIGO RECEBIDO EM 22/02/2016 E APROVADO EM 10/05/2016